



(/)

[INÍCIO.\(/SITE/BR/\)](#) [NOTÍCIAS](#) ▾ [EM FOCO.\(/SITE/BR/EM-FOCO.HTML\)](#)
[NA ESTRADA.\(/SITE/BR/NA-ESTRADA.HTML\)](#) [GALERIA.\(/SITE/BR/GALERIA.HTML\)](#)
[O ESCRIBA.\(/SITE/BR/O-ESCRIBA.HTML\)](#) [ARTIGOS.\(/SITE/BR/ARTIGOS.HTML\)](#)
[AGENDA.\(/SITE/BR/AGENDA.HTML\)](#) [RM INDICA.\(/SITE/BR/RM-INDICA.HTML\)](#)
[LEGISLAÇÃO_._\(/SITE/BR/LEGISLACAO.HTML\)](#)
[GLOSSÁRIO.\(/SITE/BR/GLOSSARIO.HTML\)](#)
[OPORTUNIDADES.\(/SITE/BR/OPORTUNIDADES.HTML\)](#)
[PUBLICAÇÕES.\(/SITE/BR/PUBLICACOES.HTML\)](#)

Museus, sustentabilidade e bem-estar: as lições da Mesa-Redonda de Santiago do Chile



Manuelina Maria Duarte Cândido [1]

"Arte Indígena Contemporânea é uma armadilha para pegar bons curiosos.

Não é um quadro, flecha ou cerâmica; é um feitiço para falar de um assunto sério que é a urgência ecológica"

Jaider Esbell

Neste momento em que os museus (ao menos parte deles) procura se reinventar a partir do paradigma da decolonização e da sintonia com questões sociais emergentes, nada melhor que iniciar este texto com

o pensamento ancestral de um artista indígena que se encantou, mas que nos deixou um imenso legado. Jaider Esbell estava atento aos sinais do planeta e colocou a urgência ecológica no centro de seu fazer artístico. Os povos originários do Brasil possuem uma incrível sensibilidade para as questões da sustentabilidade ambiental e do bem-estar, além de um vasto repertório de alertas e encaminhamentos para “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2020) ou a “queda do céu” (Kopenawa; Albert, 2010). E onde estão os povos ditos ocidentais, suas instituições e os museus nesta batalha?

Na 70ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, em Nova Iorque, foram adotados os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Não por acaso é o mesmo ano em que a UNESCO adota a Recomendação para a Proteção e Promoção de Museus e Coleções (Duarte Cândido, 2016), atualizado o léxico da instituição para o âmbito dos museus com a inserção da discussão sobre sua função social.

São dois marcos importantes para a relação entre museus e sociedade porque, se por este lado a UNESCO finalmente olhou e se apropriou dos avanços do mundo dos museus em termos de sua responsabilidade social, por outro os museus têm, desde 2015 e cada vez mais, adotado os ODS como um verdadeiro pilar para seu planejamento e suas ações. Podemos ver, por exemplo, no planejamento estratégico do Conselho Internacional de Museus (ICOM) 2022-2028, aprovado na Conferência Geral de Praga em 2022, eixos como sustentabilidade financeira e mudança climática, que dialogam com os ODS. Estes 17 objetivos ambicionam “transformar o mundo” por meio de uma agenda que prevê a eliminação da pobreza, o combate à mudança climática, a educação, a igualdade de gêneros e outras metas até 2030 [1]. Os museus podem atuar em vários destes objetivos [2], por exemplo:

Objetivo 3. Saúde e bem-estar globais: promover o bem-estar para todos, especialmente no que concerne à saúde mental e ao enfrentamento do isolamento social;

Objetivo 11. Cidades e comunidades sustentáveis: contribuir para a adoção de métodos participativos de planejamento e de gestão, bem como para a proteção ao patrimônio cultural e natural do mundo.

Objetivo 13. Ação climática: contribuir para o combate às mudanças climáticas e seus impactos;

Objetivo 15. Vida na Terra: Agir sobre a proteção à biodiversidade e sobre o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, sendo uma plataforma para as vozes de povos tradicionais comprometidos com a



preservação ambiental.

Porém, se a ONU adota uma noção mais ampla de desenvolvimento sustentável, o senso comum ainda tende a associar sustentabilidade apenas aos aspectos econômico e ecológico, enquanto raramente o terceiro pilar, social, é abordado e, menos ainda uma quarta dimensão proposta pelo IberoMuseus: a cultural. Esta parte do entendimento de que o “desenvolvimento é sobretudo cultural, especialmente pelas mudanças sucedidas nos sistemas de significados a partir do posicionamento e consolidação desse paradigma” (IberoMuseos/IberoMuseus, 2019, p. 86). Mas mesmo os museus raramente chegam a abordar tal dimensão da sustentabilidade.

A categoria sustentabilidade veio com um forte apelo nos debates para a nova definição de museus e o termo foi incorporado à definição aprovada. Mas as formas como ela será acionada, posta em prática ou levada para as legislações nacionais podem ser muito diversas e muitas vezes se restringirem somente aos aspectos da ecoconstrução dos edifícios de museus e nos alertas sobre crise climática que a dissociam da crítica social, da política, e da crítica ao próprio sistema capitalista.

Este último é o caso, em diferentes medidas, de três exposições temporárias que ocorrem simultaneamente em diferentes instituições museais da Bélgica neste início de 2023.

A exposição « Ordures : l'expoqui fait le tri » [3], no Musée de la Vie wallonne de 27 de janeiro a 31 dezembro de 2023 é uma “reciclagem” da exposição Vie d'Ordures [4] organizada pelo Musée des civilisations de l'Europe et de la Méditerranée (MUCEM), em Marselha, em 2017. Ela é centrada sobre o que se torna lixo e o que ganha outras vidas por meio da reparação ou da reciclagem, mas acaba por apresentar uma visão muito generosa e apaziguadora da Valônia, região francófona da Bélgica, como uma região modelo em termos de triagem, reciclagem e gestão do lixo. Não deixa de ser irônico quando a cidade de Liège, capital da Valônia, tem como lema das campanhas urbanísticas “Liège, uma cidade limpa”, e o que mais se vê são lixeiras públicas transbordando e a própria exposição resolveu mostrar o que se acha no rio Meuse, apresentando até mesmo uma bicicleta.

No Préhistomusée, em Flemalle, uma outra abordagem busca inserir a questão do consumo numa longa linha do tempo do Neolítico aos nossos dias, passando por momentos-chave como a revolução industrial. A exposição “La Terre en héritage” [5] desta forma se aproxima mais de uma crítica ao sistema capitalista, enquanto a primeira exposição tende a associar a responsabilidade pela crise



ambiental aos hábitos de consumo individuais, embora nenhuma das duas assuma uma crítica profunda das estruturas do nosso sistema econômico e invista mais em uma conscientização sobre o papel dos indivíduos no esgotamento dos recursos ambientais. Esta exposição apresenta, notadamente em seu módulo pré-revolução industrial, 70 peças arqueológicas provenientes de 11 diferentes museus. Sua concepção também se origina na França, no Musée des Confluences de Lyon e no Instituto Nacional de Pesquisa Arqueológica (INRAP). Esta exposição se estende de 10 de dezembro de 2022 a 27 de agosto de 2023.

Finalmente, a exposição “Jeter – une histoire européenne » [6] está em cartaz na Maison de l’Histoire européenne de 18 de fevereiro de 2023 a 14 de janeiro de 2024. Em consonância com os objetivos da instituição, que é mantida pelo Parlamento Europeu, ela procura abordar o tema com uma abordagem ampla, situando a questão do tratamento do lixo em uma perspectiva transnacional e histórica. Os quatro módulos da exposição exploram as diferentes maneiras de lidar com o lixo ao menos desde o início do século XIX, tocando também na questão da higiene pública, da escassez que estimula a reutilização (notadamente no pós-guerra, marco temporal incontornável na instituição), da produção de massa que estimula o consumo e o descarte, da “exportação” do lixo em direção aos países do sul global.

Nenhuma das três instituições faz da crítica radical do sistema capitalista a base dos seus argumentos, e também não se apropriam das reflexões sobre sobriedade no consumo e minimalismo para confrontarem a própria relação dos museus com acumulação, excessos, ostentação e desigualdade (Duarte Cândido, 2023).

A recente ação dos ativistas do clima escolhendo museus como plataforma para suas reivindicações ecológicas e sociais aponta para um potencial de conexão maior entre os museus e a problemática. A maior parte das instituições, porém, assumiu uma postura reativa de tentar afastar os ativistas e defender a todo o custo a integridade das obras de arte que, diga-se de passagem, não chegaram de fato a estar em risco, já que eles tiveram sempre o cuidado de escolher obras protegidas por vidros e de realizar performances que atingiam, no máximo, as molduras. O pânico dos museus foi maior do que sua capacidade de aproveitar a oportunidade de aproximação com os jovens ativistas e, quem sabe, por meio deles, abrir canais de comunicação com novos públicos.

É importante saber que embora a associação dos museus com as questões ambientais seja relativamente nova, ela já estava no radar de Hugues de Varine desde os anos 1970, demonstrando mais uma



vez sua visão perspicaz de como conectar os museus a questões relevantes do presente e do futuro. Ele explica que quando preparava a Conferência Geral do ICOM de 1971 (Paris, Grenoble e Dijon) estava igualmente em preparação a Primeira Conferência Mundial do Meio Ambiente a se realizar em Estocolmo em 1972. Daí que a ideia de propor ao Ministro do Meio Ambiente da França Robert Poujade fazer um discurso sobre a importância dos museus de ciências naturais para o meio ambiente era uma forma de estimular os profissionais de museus a se prepararem para uma participação mais ativa na Conferência de Estocolmo [7]. Ou seja, ao lado do argumento prático sempre difundido quando se fala da origem do termo ecomuseu, de conseguir apoio financeiro no recém-criado Ministério do Meio Ambiente para estes tipos de museus sem coleção que não seriam reconhecidos pelo Ministério da Cultura da França, havia esta outra intenção, de despertar os museus de história natural da França para, um pouco como os museus que visitaram em Nova Iorque e em São Francisco (Varine, 2017, p. 27), pensarem sobre biodiversidade, ecologia e se perceberem como agentes na questão do clima a tempo de se prepararem para a Conferência de 1972 em Estocolmo. Ocorre que, como sabemos, Poujade enunciou o termo ecomuseu criado pouco antes por Hugues de Varine, Georges-Henri Rivière e Marcel Evrard, mas não teceu as conexões desejadas entre museus de ciências naturais e a Conferência Mundial do Meio Ambiente em Estocolmo, e em 1972 sua atenção estava voltada para a Mesa-Redonda organizada pela Unesco em Santiago do Chile.

Ali sabemos que foi formulada a noção de museu integrado [8] que abrangia diversas vertentes do patrimônio, abandonando a associação exclusiva entre museus e coleções – ao menos em sua acepção mais clássica, pois passou-se a pensar que o museu também pode coletar informações e referências ao patrimônio natural e a outros recursos, como as pessoas. Começa a haver aí um giro importante da Nova Museologia como concebida e praticada na França e no Canadá em que a questão da abertura para o território e para outras formas de patrimônio é central [9], mas a marca que viria a desaguar na Museologia Social, na América Latina, que é a contestação e o museu como instrumento da transformação social. O elemento humano parece ganhar ainda mais peso em relação ao território, ao meio ambiente e finalmente o museu exprime, de uma forma ou de outra, a ideia de que não há preservação em que os seres humanos e sua qualidade de vida não estejam preservadas. É de alguma forma o prenúncio da fórmula anunciada em 2017 em Córdoba, na Argentina, em uma reunião do MINOM: uma Museologia que não serve para a vida não serve para nada (MINOM, 2021).



Mas se mesmo dentro da Nova Museologia outras vertentes foram aparecendo e criando espaço para o surgimento da Museologia Social, a Museologia mais normativa e tradicional também continuou a se desenvolver e a criar formas de parecer nova sem que as bases fossem alteradas. Assim, os museus tradicionais continuaram a competir por mais públicos de preferência de classes sociais abastadas, capazes não apenas de pagar bem pelas visitas mas de ao seu término consumir em suas boutiques e restaurantes. Continuaram a pretender se inserir nos roteiros do turismo de massa, por vezes do turismo de luxo, sem questionar que esta identificação com produtos “diferenciados” pressupõe exclusão. Continuaram a mergulhar na economia da cultura como produto ao qual poucos e privilegiados têm acesso. Como notam Yves Bergeron e Michelle Rivet (2021), certamente influenciados pelo quase cisma do ICOM durante os debates sobre a nova definição de museus em Quioto em 2019, não parece mais haver uma cultura comum de museus. Introduzindo um volume dos Icofom Studies Series dedicado à descolonização dos museus, os autores constatam a multiplicidade de conceitos e de práticas museais ao redor do mundo. Mas seria possível dizer que já houve uma cultura comum ou na verdade houve somente durante um tempo a imposição do modelo europeu como se ele fosse universal? Não se pode traçar também paralelos entre esta imposição e o que ocorre em relação aos valores da ecologia, da sustentabilidade e do bem-estar? O discurso ecológico no norte global não questiona as estruturas do capitalismo que o beneficia e enche de lixo e miséria os países do sul, mas busca conscientizar cidadãos sobre sua responsabilidade no consumo ao mesmo tempo em que criam novos produtos – agora com selo de ecológicos e sustentáveis – para o consumo de pessoas que podem escolher o que e como comprar.

É curioso (ou sintomático) que ao pensar no bem-estar o ICOM se refira somente a saúde mental e superação do isolamento social sem que outros problemas de saúde ou até o combate à fome, que está entre os ODS, sejam destacados como ponto de interseção com o mundo dos museus. É um discurso para implicar os museus com um público que já tem a fome ou outros problemas de saúde resolvidos e cujo problema principal é a saúde mental e o isolamento. Ao enunciar o tema usando o termo bem-estar, uma categoria já datada especialmente pelo fato de o modelo do Estado de Bem-Estar ter entrado em crise mesmo nos países ricos já há algumas décadas, o ICOM ignora que museus e seus profissionais no sul global já se apropriaram da noção mais profunda de bem-viver [10]:



El Buen Vivir, utopía que va teniendo lugar en las prácticas sociales o nuevo horizonte de sentido, trata de articular dos herencias culturales, expresadas en una nueva racionalidad liberadora y solidaria: por un lado, la razón histórica de la modernidad, con sus promesas de libertad, igualdad social y bienestar, y por otro, la razón "india" prehispánica, vinculada con la reciprocidad, la solidaridad social y el trabajo colectivo. (Marañón Pimentel in Marañón Pimentel, 2014, p. 11)

O *Buen vivir* não pode ser alcançado de forma individual e competitiva. Reside exatamente aí uma grande crítica, distinção ou avanço em relação à noção de bem-estar que pode conviver com o modelo ocidental e neoliberal: o *Buen vivir* reivindica uma razão libertadora e solidária, no limite, anticapitalista (Marañón Pimentel in Marañón Pimentel, 2014, p. 44) Enquanto o *Buen vivir* prega a desmercantilização da vida, o bem-estar é vendido e considerado valor agregado a diversos produtos, inclusive museus. Museus podem organizar grupos de ioga em seus espaços, sessões pagas e exclusivas: quanta felicidade e bem-estar em realizar suas práticas ao lado de obras que representam o melhor da produção humana em todos os tempos!

O *Buen vivir*, por suas próprias raízes associadas aos povos originários da América (ou AbyaYala, no dizer nativo), aponta para outra relação que não é de oposição entre natureza e cultura (seres humanos), mas de complementaridade, solidariedade e reciprocidade (Córdova in Marañón Pimentel, 2014, p. 99).

Juliana Siqueira expressa bem em seus estudos como o bem-viver se adequa às filosofias da preservação integrada do patrimônio cultural, ambiental e humano (mesmo que estas categorias possam ser redundantes, usamos aqui apenas para enfatizar tais dimensões) já enunciadas na Mesa-Redonda de Santiago do Chile:

Como concepção de mundo, ele carrega uma visão do conhecimento para além da mera racionalidade. Abarca a interligação entre todas as entidades do cosmo, incluindo as dimensões materiais, intelectuais, emocionais, afetivas e espirituais. Esse conhecimento integral e holístico está profundamente vinculado à vida. É contextual, ambiental e territorial, construído no espaço do convívio entre as pessoas, os animais e o seu meio. Nessa perspectiva, não existe uma



dualidade separando a sociedade da natureza: ambos são inextrincáveis e complementares. (Siqueira, 2017, p. 179)

Mas talvez a principal lição da Mesa-Redonda de Santiago do Chile para os museus de hoje ainda seja ousar olhar para fora do mundo dos museus, conectar-se com o que está ocorrendo na sociedade e com outras formas de conceber e viver o mundo. Se em 1972 esta abertura foi representada pela interdisciplinaridade, por trazer para as conferências profissionais externos ao campo dos museus e aceitar pensar sobre as questões daquele momento como a explosão demográfica das cidades latino-americanas e seus impactos, hoje o desafio é a abertura intercultural. Os museus do mundo todo podem aprender muito ao se abrirem para novas epistemologias como as ameríndias, que forjaram a noção de bem-viver. Oxalá a aprovação pelo ICOM em abril de 2023 da proposta de criação de um Comitê Internacional de Museologia Social, surgida pela iniciativa marcadamente de atores da América Latina, seja um aceno nesta direção.

[i] Université de Liège e PPGAS/FCS/UFG.

[1] Ver <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/> (<https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/>).

[2] A comunicação oficial do ICOM a respeito do tema do Dia Internacional dos Museus enfocou somente três objetivos – 03, 13 e 15 – mas consideramos que as conexões são muito maiores e eleger o objetivo 11 para mencionar aqui é apenas um dos exemplos possíveis.

[3] Ver <https://www.provincedeliege.be/fr/mvw/expo?nid=18402> (<https://www.provincedeliege.be/fr/mvw/expo?nid=18402>).

[4] Ver <https://www.mucem.org/programme/exposition-et-temps-forts/vies-dordures> (<https://www.mucem.org/programme/exposition-et-temps-forts/vies-dordures>).

[5] Ver <https://prehisto.museum/la-terre-en-heritage/> (<https://prehisto.museum/la-terre-en-heritage/>).

[6] Ver <https://historia-europa.ep.eu/fr/jeter> (<https://historia-europa.ep.eu/fr/jeter>).

[7] Comunicação pessoal por mensagem eletrônica a Manuelina Duarte em 04 de dezembro de 2022.

[8] Já me referi algumas vezes ao debate entre integral e integrado, termo que prefiro, por evitar a ideia de totalidade facilmente associada ao termo integral e muito inadequada aos processos de seleção intrínsecos aos museus (Duarte Cândido, 2003, 2016, 2018). Ver também Vial, 2015.

[9] A prática ecomuseal está de certa forma em refluxo na Europa, notadamente na França onde surgiu mas foi aprisionada que ao reconhecer ecomuseus como categoria de museus os obrigou a possuir coleções entendidas de uma maneira



muito mais limitada que o movimento da Nova Museologia pressupunha em suas origens (vide Duarte Cândido e Pappalardo, 2022a). Formas de resistência e contínua insurgência museal podem ainda ser identificadas na Europa, como o foram, por meio da série de *webinars* Babel Tower (Duarte Cândido e Pappalardo, 2022b), do Projeto EcoHeritage (Pigozzi, Borrelli, Dal Santo *in* Borrelli, Davis, Dal Santo, 2022) e outras publicações (como Pappalardo, 2021) e produções acadêmicas (por exemplo, Fassin, 2022, que tive o prazer de orientar).

[10] Por exemplo, em 2013 no Equador já se organizaram o evento “Museos del Buen Vivir”, reunindo representantes de diversos museus implicados com a temática. Ver <https://www.culturaypatrimonio.gob.ec/conversatorio-museos-del-buen-vivir-se-realizo-en-nahim-isaias/> (<https://www.culturaypatrimonio.gob.ec/conversatorio-museos-del-buen-vivir-se-realizo-en-nahim-isaias/>).

Referências

- Bergeron, Yves ; Rivet, Michèle. Introduction. Décoloniser la muséologie ou « refonder la muséologie ». *In* : ICOFOM Study Series, 49-2, 2021. Disponível *online* em <http://journals.openedition.org/iss/3503>. (<http://journals.openedition.org/iss/3503>).
- Córdova, Dania López. La reciprocidad como lazo social fundamental entre las personas y con la naturaleza en una propuesta de transformación societal. *In*: Marañón Pimentel, Boris (coord.). Buen Vivir y descolonialidad. Crítica al desarrollo y la racionalidad instrumentales. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2014. p. 98-118.
- De Varine, Hugues. L'écomusée singulier et pluriel. Un témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde. Paris: L'Harmattan, 2017.
- Duarte Cândido, Manuelina Maria. The future of Museology is social. *In*: Yağcı, Remzi; Keser-Kayaalp, Elif; Teoman, Betül; Öztopçu, Özlem. Chasing the new in Museum Studies/ Müzecilikte Yeni'nin Peşinde. İzmir (Turkey): Dokuz Eylül University Press, 2023. pp. 27-41. Disponível *online* em <https://hdl.handle.net/2268/301683> (<https://hdl.handle.net/2268/301683>).
- Duarte Cândido, Manuelina Maria. “A Recomendação da UNESCO para a Proteção e Promoção de Museus e Coleções”. *In*: Instituto Brasileiro de Museus [IBRAM]. Revista Musas, 7, 2016. p. 274-276. Disponível *online* em <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Musas-7.pdf> (<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Musas-7.pdf>).
- Duarte Cândido, Manuelina Maria. Ondas do pensamento museológico brasileiro. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20)
- Duarte Cândido, Manuelina Maria; Pappalardo, Giusy. “Reflections for reframing the taboos of collections”. *In*: Weiser, M. Elizabeth; Bertin, Marion; Leshchenko, Anna (Eds.). Taboos in museology: Difficult issues for museum theory. Paris: ICOFOM/ICOM, 2022a. p. 31-55. <https://orbi.uliege.be/handle/2268/293817> (<https://orbi.uliege.be/handle/2268/293817>).



- Duarte Cândido, Manuelina Maria; Pappalardo, Giusy (eds.). Babel Tower: museum people in dialogue. Paris: ICOFOM/ICOM, 2022b.
- Fassin, Mégane. L'écomusée en Fédération Wallonie-Bruxelles : analyse et contribution à la recherche. Liège : Université de Liège, 2022 (Mémoire de master en Histoire de l'art et archéologie, orientation générale, finalité spécialisée en Muséologie)
- Krenak, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- Kopenawa, Davi ; Albert, Bruce. La chute du ciel. Paroles d'un chaman yanomami. Paris : Plon, 2010. (Col. Terre Humaine)
- Marañón Pimentel, Boris. Crisis global y descolonialidad del poder: la emergencia de una racionalidad liberadora y solidaria. *In*: Marañón Pimentel, Boris (coord.). Buen Vivir y descolonialidad. Crítica al desarrollo y la racionalidad instrumentales. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2014. p. 20-59
- Mouvement International pour une Nouvelle Muséologie [MINOM]. «Déclaration de Córdoba XVIII Conférence Internationale du MINOM : une muséologie qui n'est pas utile à la vie est une muséologie qui ne sert à rien. Córdoba / Argentine, 2017». *In*: Les Cahiers de Muséologie, 1, 2021, p. 179-182. Disponível *online* em <https://popups.uliege.be/2406-7202/index.php?id=900>. (<https://popups.uliege.be/2406-7202/index.php?id=900>.)
- Pappalardo, Giusy. *Paesaggi tenaci. Il processo ecomuseale del Simeto*. Milão: FrancoAngeli, 2021.
- Pigozzi, Lisa; Borrelli, Nunzia; Dal Santo, Raul. Ecomuseums, the SDGs and climate action: the Eco Heritage Project. *In*: Borrelli, Nunzia; Davis, Peter; Dal Santo, Raul (eds.). Ecomuseums and climate change. Milão: Ledizioni, 2022.
- Programa Ibermuseos/Ibermuseus. Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade das Instituições e Processos Museais Ibero-americanos. S. I.: Ibermuseos/Ibermuseus, Ibram, 2019. Disponível online em <http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2020/01/marco-conceitual-comun-sostenibilidad-ibermuseos.pdf> (<http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2020/01/marco-conceitual-comun-sostenibilidad-ibermuseos.pdf>)
- Siqueira, Juliana. Bem viver, Ubuntu e a Sociomuseologia: contribuições para descolonizar a Educação Museal. *In*: Revista Pensamiento Actual - Vol 17 - No. 28, 2017, p. 174-185. Disponível *online* em https://www.researchgate.net/publication/319240980_Bem_viver_Ubuntu_e_a_Sociomuseologia_contribuicc (https://www.researchgate.net/publication/319240980_Bem_viver_Ubuntu_e_a_Sociomuseologia_contribuicc)
- Vial, Andrea. Patrimônio integrado e a prática museológica. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015. (Tese de doutorado)



Entre em contato conosco!

Envie seus comentários, críticas e elogios sobre esse artigo para o email

(mailto:18demaio@revistamuseu.com.br)18demaio@revistamuseu.com.br
(mailto:18demaio@revistamuseu.com.br).

Os artigos e reportagens assinadas não refletem necessariamente a opinião do website, sendo de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

◀ [Anterior \(/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16905-sustentabilidade-no-museu.html\)](/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16905-sustentabilidade-no-museu.html)

[Próximo ▶ \(/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16864-bem-estar-em-estar-bem.html\)](/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16864-bem-estar-em-estar-bem.html)

AGENDA

- ◀ <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16903-museu-sustentabilidade-e-bem-estar-as-licoes-da-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html?iccaldate=2018-7-1> Agosto
- ◀ <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16903-museu-sustentabilidade-e-bem-estar-as-licoes-da-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html?iccaldate=2018-7-1>
- 2018 ▶ <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16903-museu-sustentabilidade-e-bem-estar-as-licoes-da-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html?iccaldate=2018-9-1>
- ▶ <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2023/16903-museu-sustentabilidade-e-bem-estar-as-licoes-da-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html?iccaldate=2018-9-1>

| Seg | Ter | Qua | Qui | Sex | Sáb | Dom |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

[Sobre o Revista Museu \(/site/br/sobre-o-revista-museu.html\)](/site/br/sobre-o-revista-museu.html)

[Normas p/ Artigos \(/site/br/normas-para-artigos.html\)](/site/br/normas-para-artigos.html)

[Anuncie \(/site/br/anuncie.html\)](/site/br/anuncie.html)

[Contato \(/site/br/contato.html\)](/site/br/contato.html)

SOBRE O REVISTA MUSEU

ISSN 1981-6332



O REVISTA MUSEU é o portal definitivo que mostra os bastidores dos museus, a criatividade dos profissionais da área e seus projetos inovadores, divulgando a cultura no Brasil e no mundo.

Com enfoque específico e segmentado, o REVISTA MUSEU visa suprir melhor e com maior abrangência as necessidades do público que lida com o patrimônio cultural do país, colocando a seu dispor informações e orientações técnicas, abrindo espaço para discussões e análises mercadológicas, expondo opiniões de profissionais atuantes, prestando serviços de suporte e treinamento.

Tweets de @revista_museu

Revista Museu
@re... · 27 de mai



🦖 "Quarta Colônia" e "Caçapava do Sul" (RS) agora integram Rede Global de Geoparques da #Unesco.

🦖 Os parques terão apoio da Unesco p/ sustentabilidade, preservação e proteção ambiental, além da promoção do turismo local.

👉 Leia em
tinyurl.com/5db3txca



[go here \(http://www.forkliftcertification.us/forklift-certification\)](http://www.forkliftcertification.us/forklift-certification)



Revista Museu

Follow Page

[Clube de Ideias \(http://www.clubedeideias.com/\)](http://www.clubedeideias.com/), © 2001 - 2016

